

CAPÍTULO 19

**FERNANDA VIEIRA  
E O COLETIVO NANDA PRODUÇÕES.  
A INSURGÊNCIA DAS MARGENS  
COMO ATO DE SOBREVIVÊNCIA  
CULTURAL**

JAQUELINE TORQUATRO



## Capítulo 19 - Fernanda Vieira e o Coletivo Nanda Produções – A insurgência das margens como ato de sobrevivência cultural

Fernanda Vieira and the Nanda Produções Collective – The insurgency oh the margins as an art of cultural survival

Jaqueleine Torquatto

### Introdução

A chegada dos colonizadores europeus à América Latina resultou na destruição cultural dos povos originários e na transculturação, que transformou, de maneira permanente, o modo de fazer, pensar e consumir arte. Essa devastação cultural foi utilizada como instrumento de dominação, pois enfraqueceu a resistência à invasão e permitiu a imposição de uma ideologia eurocêntrica, que demonizou e invisibilizou a cultura ameríndia. Segundo o pesquisador e escritor venezuelano Fernando Báez (1963-), durante o processo de destruição da cultura local, os colonizadores arruinaram a arquitetura existente, artefatos religiosos, livros maias e astecas, e promoveram um genocídio que reduziu em 95% a população nativa que habitava a América Latina, num período de 130 anos.

Ainda de acordo com o autor, a invasão e colonização do solo latino-americano provocou a extinção de diversas línguas nativas, a destruição e saqueamento de inúmeros monumentos, a sobreposição da arquitetura, a supressão de pinturas, esculturas, danças e cantigas, entre outras perdas incalculáveis. A inserção forçada da cultura importada resultou na perda de cerca de 60% da memória coletiva. Segundo Báez (2010, p. 49), “os povos latino-americanos foram transculturados e translinguados” por meio da manipulação e eliminação da memória, e a educação formal desenvolvida na América Latina foi moldada para estimular a negação do grande saque sofrido e repudiar a cultura dos povos indígenas. Por fim, Fernando Báez destaca que a sujeição ao trabalho forçado e o assassinato de todo indivíduo que incitava a resistência contribuíram para o que o autor (2010, p. 84) chamou de “mutilação da memória coletiva”, que “desencadeou a tragédia cultural vivida por milhões de seres humanos durante a conquista”.

O texto de Moacir dos Anjos (1963-), no livro *Local/Global: Arte em Trânsito* (2005), analisa que a globalização, compreendida como continuidade da lógica de imposição cultural e de padronização iniciada no século XV com a expansão colonizadora europeia, transformou profundamente as formas de produzir, classificar e consumir arte e cultura nos países que hoje compõem o Sul Global. Sob uma perspectiva centrada nos valores europeus, a arte proveniente desses territórios passou a ser considerada exótica ou mera cópia da produção ocidental. Essa desqualificação converteu expressões culturais locais em “arte menor”, periférica, sujeita à demonização, invisibilização, marginalização e, em muitos casos, à destruição deliberada.

A lógica eurocêntrica estabeleceu uma hierarquia cultural que mede a relevância artística e o grau de “desenvolvimento civilizatório” segundo padrões próprios da Europa capitalista, enquanto relegou as comunidades tradicionais à condição de símbolo de atraso. Esse paradigma reforçou a divisão entre cultura erudita e cultura popular, que passou a orientar a chamada indústria cultural. Nesse contexto, como observa a autora brasileira Marilena Chauí (1941-), a cultura deixou de ser um direito universal para se tornar um privilégio de classe, acessível apenas a determinados segmentos sociais:

*Afirmar a cultura como um direito é opor-se à política neoliberal, que abandona a garantia dos direitos, transformando-os em serviços vendidos e comprados no mercado e, portanto, em privilégios de classe. (Chauí, 2008, p.66)*

Em *Cultura e Democracia* (2008), Marilena Chauí apresenta a cultura como uma construção histórica e social que, inicialmente, significava cultivo e cuidado; a partir do Iluminismo, passou a ser associada ao progresso, à civilização e aos valores ocidentais, especialmente os da Europa capitalista, impondo um modelo etnocêntrico que legitimou a colonização e o imperialismo. Em seu texto, Chauí realiza uma análise crítica da relação entre cultura e democracia, denunciando que a forma de democracia predominante, liberal e representativa, não promove o acesso igualitário à cultura, mas massifica os bens culturais, transformando-os em mercadoria e restringindo a produção e o consumo cultural às camadas privilegiadas da sociedade.

Chauí continua sua análise enfatizando que, dentro da sociedade capitalista, a cultura integra uma indústria que separa os bens culturais segundo valores de mercado e reforça a divisão entre cultura de elite e cultura popular, criando o espectador médio (homogeneização dos indivíduos) e transformando a cultura em mero entretenimento (não que a cultura não desempenhe esse papel em algum momento), gerando a ilusão de acesso universal. A indústria cultural transforma a massa em consumidoras e consumidores, e não em produtores de cultura, a fim de manipulá-la. Marilena Chauí destaca que, embora o lazer e o ócio sejam importantes e necessários, a redução da cultura a entretenimento busca não chocar ou provocar, mas agradar e seduzir o público, repetindo, de forma mascarada, o que ele já está acostumado a consumir.

A análise do percurso histórico-cultural apresentada pelos três autores permite compreender que a invasão europeia não representou apenas a destruição física de povos e culturas, mas instaurou um processo contínuo de apagamento e subordinação cultural, que ainda reverbera na contemporaneidade sob a lógica globalizante e mercantilizada da cultura. A persistência dessa hierarquia, que valoriza o eurocentrismo e marginaliza produções locais, reafirma a necessidade de práticas que resistam a esse modelo.

Marilena Chauí sugere que uma forma de escapar da armadilha imposta pelo neoliberalismo seria retirar a cultura do campo exclusivo do entretenimento e tratá-la também como trabalho. Dessa forma, a cultura passaria a ser compreendida como um processo criativo, deixando de ser apenas um produto a ser consumido e tornando-se uma experiência que possibilita ver, pensar e sentir o mundo. A crítica de Chauí evidencia a urgência da atuação de coletivos culturais nas periferias, que se erguem como forças insurgentes, rompendo com a lógica segregacionista imposta pelo sistema capitalista e patriarcal. Essas iniciativas fortalecem a cultura em territórios marginalizados, oferecendo formação artística, realizando eventos que exaltam tradições e artistas locais e fomentando debates sobre questões sociais, contribuindo para a construção identitária contemporânea.

Esses coletivos artísticos e culturais retiram a cultura do campo do consumo, como destaca Chauí, e a realocam como trabalho criativo, experiência sensível e prática social emancipadora, transformando moradores de regiões periféricas em

produtores de arte e cultura. Ao ensinar arte, estimular a produção local e valorizar saberes invisibilizados, ampliam o acesso à cultura e possibilitam que sujeitos historicamente silenciados se tornem autores de suas próprias narrativas, promovendo uma verdadeira democratização cultural, pautada na criação, reflexão e autonomia, e não na passividade do consumo.

### **Coletivo Nanda Produções**

Kimberlé Crenshaw (1959-), defende em um de seus diversos textos que a organização de grupos de mulheres, ou seja, a coletivização, impulsiona a luta por direitos civis, sociais e culturais:

*Nas últimas duas décadas, as mulheres se organizaram contra a violência quase rotineira que molda suas vidas. Aproveitando a força da experiência compartilhada, as mulheres reconheceram que as demandas políticas de milhões falam mais poderosamente do que os apelos de algumas vozes isoladas. (CRENSHAW, 1993, p.1241 – traduzido)*

O pensamento crítico de Crenshaw, embora direcionado originalmente a grupos de mulheres, contribui para a compreensão de diferentes contextos de luta contra opressões herdadas do colonialismo e evidencia a importância da ação coletiva como estratégia de resistência e transformação social, mostrando que a experiência compartilhada fortalece a luta contra desigualdades estruturais. A criação de coletivos culturais se configura como uma das ferramentas sociais e políticas capazes de enfrentar essas múltiplas formas de opressão, que se entrelaçam e reforçam desigualdades sociais, sobretudo em regiões periféricas e comunidades marginalizadas. Esses coletivos, frequentemente organizados por artivistas, têm como objetivo valorizar a autonomia, estimular a participação da comunidade na produção cultural e descentralizar os espaços de consumo e de produção artística.

O Coletivo Nanda Produções é um dos coletivos existentes no estado do Espírito Santo, que se destaca com uma iniciativa que promove a valorização e a descentralização da cultura no território capixaba. Idealizado e coordenado por Fernanda Vieira, o grupo reflete a dedicação da agente cultural ao fomento e à difusão das artes em territórios periféricos. Com mais de duas décadas de experiência no distrito de Nova Almeida, no município de Serra - Região Metropolitana de Vitória, Vieira tem desenvolvido, de forma contínua, eventos culturais, oficinas de formação artística e ações de incentivo a artistas em início de

carreira, contemplando diversas linguagens, como música, literatura, artes visuais e audiovisual.

Ao longo de sua trajetória, Fernanda Vieira produziu documentários, livros e eventos que contaram com a participação de artistas e palestrantes de reconhecimento nacional. Entre essas iniciativas, destaca-se o Festival da Canção (Figura 19.1) que, em sua oitava edição, realizada em abril de 2025, contou com a presença de Guilherme Terreri, ator, palestrante e *drag queen*, amplamente conhecido pelo nome artístico *Rita von Hunty* (Figura 19.2). Em sua apresentação, realizada em uma praça de Nova Almeida, Rita abordou a democratização da arte, analisou o uso da produção artística como ferramenta de transformação social e discutiu a conceituação e o direito à cultura, em diálogo com reflexões presentes nos textos de Marilena Chauí. A realização do evento foi coordenada pela Fernanda Vieira com o auxílio de Maria Marta Tomé, outra das diversas mulheres que atuam na valorização do setor artístico no estado do Espírito Santo.



Figura 19.1 – 8º Festival da Canção  
Fonte: Instagram @Festivaldacancao



Figura 19.2 À esquerda, Fernanda Vieira e, à direita, Rita Von Hunty.

Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1s8czkviAG2pi3H81z66hDTMsOZ2BJg6q/view>

O autor Roque Laraia (1932--) define que a cultura é algo construído historicamente, não é algo nato, mas algo que deve ser aprendido, que é um processo acumulativo de vivências de várias gerações:

*Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura. E esta formulação — que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie — permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode ser finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!" Em outras palavras, a criança está apta ao nascer a ser socializada em qualquer cultura existente. Esta amplitude de possibilidades, entretanto, será limitada pelo contexto real e específico onde de fato ela crescer (Laraia, 1986, p.33).*

Laraia refuta a ideia de que a biologia ou o espaço geográfico determinem as diferenças culturais entre os povos e analisa que a diversidade cultural está diretamente ligada à história cultural e à plasticidade do ser humano. O autor reflete que o ser humano é o único ser vivo capaz de criar, aprender, ensinar e transformar a cultura, e que a cultura é o principal meio de adaptação do ser humano ao ambiente. Através da cultura, o indivíduo e a sociedade conseguiram subverter a condição de um animal frágil para um predador voraz, capaz de dominar diversas instâncias da natureza.

Em concordância com a reflexão de Laraia, pode-se destacar o texto de Glória Anzaldúa (1942-2004), onde a autora analisa a cultura como formadora de identidade sociocultural:

*A cultura molda nossas crenças. Percebemos a versão da realidade que ela transmite. Os paradigmas dominantes, conceitos predefinidos que existem como algo inquestionável e que não se pode desafiar, chegam até nós por meio da cultura [...] A cultura é feita por aqueles que têm poder — os homens. Os homens fazem as normas e leis; as mulheres as transmitem [...] A cultura espera que as mulheres mostrem maior aceitação do sistema de valores dos homens e maior compromisso com ele. A cultura e a Igreja Católica insistem que as mulheres devem estar a serviço dos homens. Se uma mulher se rebela, é má. Se não renuncia a si mesma em favor do homem, é egoísta [...] Hoje, algumas de nós têm uma quarta opção: adentrar o mundo por meio da educação e de uma carreira profissional e se tornar autônomas. Apenas algumas. Como pessoas da classe trabalhadora, nossa principal atividade é conseguir comida, um teto e roupas. Proporcionar educação aos filhos está fora do alcance da maioria. (Anzaldúa, 2021, p.57).*

Quando a cultura é apropriada e controlada pelas elites de uma sociedade, que determinam quem pode consumi-la e de que maneira esse consumo deve acontecer, o aprendizado cultural, ao qual Laraia (1986) se refere, tende a ser reduzido. Nessa condição, os indivíduos de classes subalternizadas formam um exército massificado, que apenas assimila e reproduz o que lhe é permitido acessar. Ao reduzir a diversidade cultural e impor padrões hegemônicos, a elite não só restringe a experiência cultural coletiva, como também enfraquece a capacidade de reinvenção e de resistência social que a cultura, em sua essência, possibilita. Essa limitação enfraquece a plasticidade humana, ressaltada por Laraia, e compromete a capacidade de criar, aprender e transformar.

O trabalho desenvolvido pelo Coletivo Nanda Produções dialoga diretamente com a idealização de democracia cultural proposta por Marilena Chaui e com o discurso de Roque Laraia, agindo de forma insurgente contra o sistema que insiste em excluir e marginalizar as produções culturais periféricas, ensinando e construindo arte e cultura para quem, até então, havia sido excluído do processo de produção cultural e transformado em massa. O coletivo, coordenado por Fernanda Vieira, desafia a mercantilização da indústria cultural e promove o acesso não apenas ao consumo, mas também à criação e à participação ativa da comunidade de Nova Almeida e de outras regiões do estado capixaba na vida cultural, contribuindo para a construção de uma cultura viva, plural e diversificada.

Fernanda Vieira atua na promoção e difusão da arte, tanto por meio de seu próprio coletivo quanto em parceria com outros movimentos sociais atuantes no município de Serra. Em agosto de 2025, em colaboração com a agente cultural Adriana Dutra, iniciou uma oficina de mosaico (Figura 19.3), arte com a qual a artista e agente cultural entende como divisor de águas de sua própria trajetória sociocultural, com o objetivo de capacitar pessoas, oferecendo a formação de maneira inteiramente gratuita, em um bairro de grande vulnerabilidade social. Vieira entende a arte como um instrumento de resistência e transformação e comprehende a prática artística como meio de valorização da cultura local e como potencial catalisador de mudanças significativas, sejam elas de ordem econômica, cultural, sensorial ou social.



**Figura 19.3 – Fernanda Vieira**

Fonte: <https://produtorananda.wixsite.com/nandaproducoes?pgid=lqmstt13-a02886ef-526a-4ca1-ad4e-c62dfb9db674>

### **Feminismo e interseccionalidade**

O colonialismo, o patriarcado e o capitalismo deixaram às mulheres de diferentes etnias uma herança de submissão e invisibilização, que motivou a organização de movimentos femininos em busca de liberdade, direitos e igualdade. Enquanto mulheres brancas lutavam por direitos políticos, educação, divórcio e acesso ao

trabalho, sendo ainda retratadas como frágeis, mulheres negras tiveram de enfrentar não apenas essas pautas, mas também a objetificação, escravização, violência, segregação e racismo estrutural, incorporando as demandas do movimento negro ao feminismo e defendendo a segurança de seus filhos e familiares. Lélia González (1935-1994), Ângela Davis (1944-) e Sueli Carneiro (1950-) reforçam que a luta das mulheres não brancas historicamente se distingue das mulheres brancas: jamais foram consideradas frágeis, ao contrário, foram transformadas em objetos e obrigadas a lidar simultaneamente com suas próprias dores e com a perseguição, exploração e morte de companheiros, parentes, amigos e filhos, tornando impossível limitar suas reivindicações à esfera feminina, como destaca o trecho a seguir:

*Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta. (Carneiro, 2020, p.5).*

Ao criar um coletivo artístico em um bairro periférico, Fernanda Vieira abre um espaço interseccional de resistência, que dialoga com os princípios do feminismo negro e com os discursos das autoras/pensadoras citadas. Ao enfrentar as diversas opressões que recaem sobre a classe trabalhadora, formada em grande parte por pretos e pardos, historicamente privados de cultura, educação, saúde e outros direitos fundamentais, Fernanda, assim como outras mulheres que atuam como líderes sociais e culturais, como Adriana Dutra e Maria Marta Tomé, reconhece que a emancipação feminina só é possível quando se combate simultaneamente o sexismo, o racismo e as desigualdades estruturais produzidas pelo sistema no qual estão inseridas.

Este movimento coletivo, que contribui para a construção de uma identidade integrando processos de hibridização cultural, racial e de gênero e enfrentando opressões históricas e sociais, promove uma nova consciência capaz de transcender dualidades e fomentar a criação de uma cultura própria, plural e transformadora, fortalecendo a dignidade, a autoestima e a identidade cultural da classe trabalhadora, inserindo-a em uma perspectiva de resistência coletiva e solidariedade, tal qual defendida por Glória Anzaldúa em seu livro *La Frontera/Borderlands* (traduzido para o espanhol em 2021):

*A resposta ao problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, encontra-se em curar a ruptura que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas — nossa cultura, nossas linguagens, nossos pensamentos. Um enorme deslocamento do pensamento dualista na consciência individual ou coletiva é o princípio de uma longa luta, mas trata-se de uma luta que poderia, segundo nossas melhores esperanças, conduzir-nos ao fim da violação, da violência e da guerra. (Anzaldúa, 2021, p. 137).*

### **Considerações Finais**

O Coletivo Nanda Produções exemplifica como grupos artísticos podem atuar a partir de uma perspectiva interseccional que reconhece que as desigualdades socioculturais estão profundamente entrelaçadas. Ao promover eventos, oficinas e formações gratuitas em comunidades periféricas em vulnerabilidade social do Espírito Santo, o coletivo democratiza o acesso à arte e possibilita que sujeitos historicamente marginalizados se tornem produtores e agentes de transformação cultural e deixem de ser massa de consumo de mero entretenimento. O Coletivo Nanda Produções combate diferentes formas de opressão, criando espaços de expressão para mulheres, pessoas negras, jovens, LGBTQIA+ e comunidades tradicionais. Dessa forma, rompe com a lógica eurocêntrica e elitista da indústria cultural, fortalecendo redes de solidariedade e contribuindo para a construção de uma cultura viva, plural e participativa, enraizada nas experiências e saberes locais.

A atuação do Coletivo Nanda Produções caracteriza-se como resistência frente à lógica globalizante, que impõe padrões eurocêntricos e desvaloriza a produção cultural do Sul Global, classificando-a como periférica ou “menor”. Ao priorizar a valorização da cultura local e a participação ativa de comunidades periféricas, o coletivo questiona a hierarquia cultural que, como aponta Marilena Chauí, transforma a cultura em privilégio de classe. As ações do grupo não apenas promovem o acesso à arte, mas reconfiguram o próprio conceito de produção cultural, deslocando o centro do poder simbólico e legitimando expressões artísticas historicamente invisibilizadas.

Fernanda Vieira reconhece que o trabalho realizado através do coletivo não se dá através de relações hierárquicas e lineares, mas é formado por vínculos e trocas de saberes entre diferentes sujeitos e contextos. Vieira se destaca em sua comunidade por sua atuação inclusiva, combativa e transformadora, atuando como uma mulher guardiã de saberes locais, de memórias ancestrais e da identidade

cultural do seu município, utilizando suas ações para promover um questionamento das estruturas coloniais e patriarcais que moldaram a história e a cultura brasileiras. Por meio da arte e da valorização das narrativas comunitárias, Vieira confronta padrões hegemônicos que buscam homogeneizar e silenciar vozes historicamente subalternizadas, afirmando a potência criativa e a autonomia cultural como caminhos para a emancipação social e o fortalecimento das identidades coletivas.

### Agradecimento

Agradeço à minha orientadora - a Professora Doutora Paula Guerra, pelo convite para participar deste livro tão potente; ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo e à CAPES. Agradeço e dedico este capítulo a todas as mulheres que se organizam, se movimentam e criam espaços culturais em regiões periféricas.

### Financiamento

Este capítulo é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES, que fomenta à minha pesquisa de doutorado por meio de bolsa de estudos.

### Referências Bibliográficas

- Anzaldúa, G. (2021). *Borderlands/La frontera: La nueva mestiza* (Ensayo). Capitán Swing.
- Báez, F. (2010). *A história da destruição cultural da América Latina: Da conquista à globalização*. Nova Fronteira.
- Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos Contemporâneos*, 49, 49–58.
- Chauí, M. (2008). Cultura e democracia. *Crítica y Emancipación: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, 1(1). CLACSO. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241–1299.
- Dos Anjos, M. (Org.). (2005). *Local/Global: Arte em trânsito*. Fundação Bienal de São Paulo.

